

Os Intercessores

Eixo Temático: Formação Do AT – A experiência como fundadora da teoria

Autores:

Júlia Paim

Ronie Ribeiro Guimarães

Brasil

RESUMO

“Os Intercessores” é o nome de um encontro que tem como mote a produção de pensamento. Este encontro acontece dentro de uma residência terapêutica junto com os moradores, técnicos que trabalham na residência, convidados, amigos, familiares. O clima é de um encontro festivo e tem como disparador um tema-convite que criamos, partindo de nossa prática de at nesta residência. Convidamos então amigos (de um até dois) que tem relação (prática ou de produção de pensamento) com o tema para iniciar uma roda de conversa. A inspiração para a criação deste dispositivo é a filosofia de Gilles Deleuze. O autor propõe que a filosofia trabalha com criação de conceitos e seu processo envolve o encontro com campos fora da própria filosofia: artes e ciências. A proposta deste dispositivo dentro da residência aglutina alguns pontos relevantes para ser discutido neste tema: a criação de um espaço de produção de pensamento a respeito de nossa prática, afirmado a necessidade de um constante processo crítico-criativo-(trans)formador para o at; uma intervenção clínica no próprio dispositivo residencial, uma vez que “abre-se a casa” para este encontro com o “fora de si”, mobilizando a todos (moradores, equipe etc); a experiência é imanente a todo o processo.

Palavras-chave: Encontro – alegria – criação – pensamento – coletivo

Link: <https://youtu.be/Z85urW-Q0As>

Os Intercessores

“Os Intercessores” é o nome de um encontro que tem como mote a produção de pensamento. Este encontro acontece dentro de uma residência terapêutica junto com os moradores, técnicos que trabalham na residência, convidados, amigos, familiares. O encontro tem como disparador, para o público externo, um tema-convite que criamos, partindo de nossa prática de at nesta residência. Convidamos então amigos (de um até dois) que tem relação (prática ou de produção de pensamento) com o tema para iniciar uma roda de conversa.

A inspiração para a criação deste dispositivo é a filosofia de Gilles Deleuze. O autor propõe que a filosofia trabalha com criação de conceitos e seu processo envolve o encontro com campos fora da própria filosofia: artes e ciências. Tanto a arte quanto a ciência estão envolvidas com o pensamento; no entanto cabe à ciência criar funções, e a arte criar agregados sensíveis (perceptos e afectos). Nesse sentido, a partir do encontro com esses outros campos, que o filósofo é capaz de abstrair ideias e a partir daí trabalhar na criação de um conceito. Esses são, portanto, seus intercessores: pode ser um quadro de um pintor como Francis Bacon, os escritos de Artaud, dentro da própria filosofia, como Nietzsche ou Espinosa.

Esta filosofia inspira-nos, portanto, a pensar nossa prática dentro da residência. E nesse sentido cabe esclarecer que o modo como estamos pensando essa prática, e como construímos esses encontros, é a questão desta proposta de trabalho. Pois estamos interessados em pensar nossa prática junto daqueles que nos forçam a pensar essa prática, ou seja, a partir dos encontros e problemas que deparamos no cotidiano.

A proposta deste dispositivo dentro da residência aglutina alguns pontos relevantes para ser discutido neste tema: a experiência de estar cotidianamente na casa é o que nos força a pensar.

A experiência é, então, imanente a todo o processo. Algo se passa, nos afeta.

Nosso trabalho envolve não pessoalizar essas questões - interiorizar, privatizar como sendo “meu problema pessoal”- mas retornar isso para casa como questão, fazendo circular e assim, criar outras possibilidades de intervir e de estar junto, de conviver com a diferença radical que a experiência de enlouquecimento impõe.

Disparar essas perguntas, então, produz uma intervenção clínica no próprio dispositivo residencial, uma vez que “abre-se a casa” para este encontro com o “fora de si”, mobilizando a todos (moradores, equipe etc). Esta abertura não é nada trivial, uma vez que envolve abrir-se naquilo que não sabemos, naquilo que para nós, por vezes é problemático (aqui pensado como o que também pode ser experimentado como motor do pensamento).

Escolhemos neste ponto do trabalho, apresentarmo-nos de forma singular. Este texto escrito à quatro mãos (incontáveis outras participações, desde moradores, outros colegas de trabalho), agora se desdobrará em dois relatos de como tem sido viver os intercessores.

A escolha de apresentar estas diferentes perspectivas se dá no ponto comum que une duas experiências bem distintas: a de um membro da equipe que está iniciando doutorado em psicologia e trabalha na casa há 10 anos (Ronie) e outra, de uma graduanda em psicologia, que está com a equipe há dois anos (Júlia). Nossa aposta é que o ponto comum é que a experiência é primeira (fundadora da teoria); noutras palavras, não há saber que dê conta do que se experimenta. É que só depois, podemos colher, selecionar, criar algum sentido para o que experimentamos.

Ronie: Este projeto dos intercessores foi um desdobramento de minha dissertação de mestrado defendida em 2015 (Uff/pós psicologia). Pensei o acompanhamento terapêutico como acompanhamento de processos de criação de territórios existenciais. Havia já um desejo de criar junto a nossa prática, um espaço de produção teórica a respeito de nossa prática. No embalo da conclusão do mestrado, formulei esta proposta

para o coordenador da equipe. Que topou a proposta. Depois apresentamos à equipe como um todo e aos moradores.

As reações mais difíceis para mim, vieram da própria equipe. A dificuldade também era minha: inseguranças, medos, exposição... afinal “temos nossos defeitos!” - mas o que seria não os tê-los, tratando-se de tal “trabalho?”. Penso que para alguns moradores também foi difícil. A casa fica cheia no dia dos encontros, alguns móveis são reposicionados, a casa entra em movimento. Essa insegurança, esse caráter de novidade, inicialmente mobilizou a todos com um tipo de resistência que se traduzia numa atitude de recusa, acompanhada de um silencioso pensamento: “já trabalho tanto, já estou cansado. Terei que trabalhar mais?”.

Da minha parte, experimentava uma ansiedade de querer compartilhar algo que acreditava saber que seria bom. Queria garantir que fosse bacana e em algum nível, que reconhecem meu trabalho etc. Bom, curiosamente, essa parecia ser também uma questão que atravessava a todos da equipe. Esta é uma forma como relembro alguns desses afetos, não se trata da verdade dos fatos.

Aos poucos esses movimentos de resistência foram mudando e os moradores, alguns colegas de equipe foram se envolvendo mais com a construção do encontro. Que tem sido cada vez mais leve e os efeitos positivos, cada vez mais visíveis e consistentes.

Julia: Os intercessores me foram apresentados, de início, como um evento de discussão cujo tema tinha a ver com nossa prática na casa. À época, não acompanhava de perto a construção do evento. O pouco que tive contato, vi muita dificuldade por parte da equipe, e estava enfrentando a minha própria dificuldade de encontrar um lugar ali, pois tinha chegado recentemente à residência.

Hoje entendo que foi um processo difícil para todos, inclusive pra mim, no campo do sentido que aquilo tinha pra casa. Somente quando pude me conectar com a casa de outros modos, ter outros encontros, outros estudos fui entendendo que o dia do evento é

um efeito de uma construção diária que tem um sentido relacional. Nela, nos tornamos sensíveis aos movimentos que se apresentam, no encontro, na experiência. Isso foi essencial, da minha perspectiva, num certo desmonte da expectativa e dos dogmas que carregava em torno da psicologia e dos técnicos em psicologia, que incluía uma posição um tanto “heróica” de entender tudo e conseguir resolver tudo.

Isso acarretou, então, numa mudança radical na maneira como me relaciono com a casa e, para além da casa, me ajudou a entender que os processos de aprendizagem não se fazem de maneira sequencial. Eles vão se compondo, se tecendo num plano afetivo, sensível. Aprendendo clínica enquanto se faz, enquanto se experimenta...

Los Intercesores

Los intercesores es el nombre de un encuentro que tiene como mote la producción de pensamiento. Este encuentro ocurre dentro de una residencia terapéutica junto con los residentes, técnicos que trabajan en la residencia, invitados, amigos, familiares. El encuentro tiene como disparador, para el público externo, un tema-invitación que creamos, partiendo de nuestra práctica de at en esta residencia. Invitamos entonces amigos (de uno a dos) que tienen relación (práctica o de producción de pensamiento) con el tema para iniciar una rueda de conversación.

La inspiración para la creación de este dispositivo es la filosofía de Gilles Deleuze. El autor propone que la filosofía trabaje con la creación de conceptos y su proceso involucra el encuentro con campos fuera de la propia filosofía: artes y ciencias. Tanto el arte como la ciencia están involucrados con el pensamiento; sin embargo, corresponde a la ciencia crear funciones, y el arte crear agregados sensibles (perceptos y afectos). En ese sentido, a partir del encuentro con esos otros campos, que el filósofo es capaz de abstraer ideas ya partir de ahí trabajar en la creación de un concepto. Estos son, por lo

tanto, sus intercesores: puede ser un cuadro de un pintor como Francis Bacon, los escritos de Artaud, dentro de la propia filosofía, como Nietzsche o Espinosa.

Esta filosofía nos inspira, pues, a pensar nuestra práctica dentro de la residencia. En ese sentido cabe aclarar que el modo en que estamos pensando esta práctica, y cómo construimos esos encuentros, es la cuestión de esta propuesta de trabajo. Estamos interesados en pensar nuestra práctica junto a aquellos que nos fuerzan a pensar esa práctica, es decir, a partir de los encuentros y problemas que enfrentamos en el cotidiano.

La propuesta de este dispositivo dentro de la residencia aglutina algunos puntos relevantes para ser discutido en este tema: la experiencia de estar cotidianamente en la casa es lo que nos fuerza a pensar.

La experiencia es, entonces, inmanente a todo el proceso. Algo pasa, nos afecta. Nuestro trabajo implica no personalizar esas cuestiones - interiorizar, privatizar como "mi problema personal" - pero volver a casa como cuestión, haciendo circular y así, crear otras posibilidades de intervenir y de estar juntos, de convivir con la diferencia radical que la experiencia de enojo impone.

Disparar estas preguntas, entonces, produce una intervención clínica en el propio dispositivo residencial, ya que "se abre la casa" para este encuentro con el "fuera de sí", movilizando a todos (moradores, equipo, etc.). Esta apertura no es nada trivial, ya que implica abrirse en lo que no sabemos, en lo que para nosotros, a veces es problemático (aquí pensado como el que también puede ser experimentado como motor del pensamiento).

Hemos escogido en este punto del trabajo, presentarnos de forma singular. Este texto escrito a cuatro manos (incontables otras participaciones, desde moradores, otros compañeros de trabajo), ahora se desdoblará en dos relatos de cómo ha sido vivir los intercesores.

La elección de presentar estas diferentes perspectivas se da en el punto común que une dos experiencias bien distintas: la de un miembro del equipo que está iniciando doctorado en psicología y trabaja en la casa hace 10 años (Ronie) y otra, de una graduada en psicología, que está con el equipo desde hace dos años (Julia). Nuestra apuesta es que el punto común es que la experiencia es primera (fundadora de la teoría); en otras palabras, no hay que dar cuenta de lo que se experimenta. Es que sólo después, podemos cosechar, seleccionar, crear algún sentido para lo que experimentamos.

Ronie: Este proyecto de los intercesores fue un desdoblamiento de mi tesis de maestría defendida en 2015 (Uff / post psicología). Pensé el acompañamiento terapéutico como acompañamiento de procesos de creación de territorios existenciales. Había ya un deseo de crear junto a nuestra práctica, un espacio de producción teórica acerca de nuestra práctica. En el marco de la conclusión de la maestría, formé esta propuesta para el coordinador del equipo. Que topó la propuesta. Luego presentamos al equipo como un todo ya los residentes.

Las reacciones más difíciles para mí, vinieron del propio equipo. La dificultad también era mía: inseguridades, miedos, exposición ... después de todo "tenemos nuestros defectos!" - pero ¿qué sería no tenerlos, tratándose de tal "trabajo?". Creo que para algunos residentes también fue difícil. La casa se llena el día de los encuentros, algunos muebles se reposicionan, la casa entra en movimiento. Esta inseguridad, ese carácter de novedad, inicialmente movilizó a todos con un tipo de resistencia que se traducía en una actitud de rechazo, acompañada de un silencioso pensamiento: "ya trabajo tanto, ya estoy cansado. ¿Tendré que trabajar más? ".

Por mi parte, experimentaba una ansiedad de querer compartir algo que creía saber que sería bueno. Quería asegurarle que era bacana y en algún nivel, que reconocen mi trabajo, etc. Bueno, curiosamente, esa parecía ser también una cuestión que atravesaba a todos del equipo. Esta es una forma de recordar algunos de estos afectos, no se trata de la verdad de los hechos.

A los pocos esos movimientos de resistencia fueron cambiando y los vecinos, algunos compañeros de equipo se involucraron más con la construcción del encuentro. Que ha sido cada vez más leve y los efectos positivos, cada vez más visibles y consistentes.

Julia: Los intercesores me fueron presentados, al principio, como un evento de discusión cuyo tema tenía que ver con nuestra práctica en la casa. En la época, no acompañaba de cerca la construcción del evento. El poco que tuve contacto, vi mucha dificultad por parte del equipo, y me enfrentaba a mi propia dificultad de encontrar un lugar allí, pues había llegado recientemente a la residencia.

Hoy entiendo que fue un proceso difícil para todos, incluso para mí, en el campo del sentido que aquello tenía para la casa. Sólo cuando pude conectarme con la casa de otros modos, tener otros encuentros, otros estudios fui entendiendo que el día del evento es un efecto de una construcción diaria que tiene un sentido relacional. En ella, nos volvemos sensibles a los movimientos que se presentan, en el encuentro, en la experiencia. Esto fue esencial, desde mi perspectiva, en un cierto desmonte de la expectativa y de los dogmas que cargaba en torno a la psicología y los técnicos en psicología, que incluía una posición un tanto "heroica" de entender todo y conseguir resolver todo.

Esto acarreó un cambio radical en la forma en que me relaciono con la casa y, además de la casa, me ayudó a entender que los procesos de aprendizaje no se hacen de manera secuencial. Se van componiendo, se tejen en un plano afectivo, sensible. Aprendiendo clínica mientras se hace, mientras se experimenta ...

Referências bibliográficas:

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. Trad. Teixeira Coelho. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENEVIDES, Regina e PASSOS, Eduardo. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. Ciência & Saúde Coletiva, v.10, n.3, 2005.

DELEUZE, Gilles. Os *Intercessores*; publicado em Conversações. Tradução Peter P. Pelbart. Ed 34

_____. *Spinoza, cours vincennes*; 24/01/1978.

_____. Para dar fim ao juízo. publicado em Crítica e Clínica.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. Mil Platôs vol.4. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Espinoza, Baruch. *Ética*; editora Autêntica.

GUATTARI, Felix. Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional. Aparecida/S.P.: Ideias & Letras, 2004.